

A representação da Idade Média pelo cinema do século XXI

Ulisses de Figueiredo Silva\*

Resumo:

O objetivo deste texto é trabalhar o filme “Tristão e Isolda” mostrando a importância da imagem cinematográfica para a historiografia contemporânea. Nosso objetivo é mostrar como o chamado filme-histórico sofre influência da sociedade que o produz. A relação cinema-história é o meio para esse estudo. Neste artigo, pretendemos demonstrar de que forma o cinema atual representa e pensa a Idade Média, utilizando o filme “Tristão e Isolda” para esta análise. Uma época que se tornou alvo de inúmeras idéias e visões, e que foi caracterizado pelos renascentistas como “Idade das Trevas”, devido à visão de que tais séculos teriam “atrasado” a sociedade européia por não apresentar transformações comparadas as que ocorreram a partir do século XV.

Palavras-chave: história-cinema, Idade Média, história cultural

Abstract:

The goal of this text is to work with the movie "Tristan and Isolde" showing the importance of the cinematographic image for contemporary history. Our objective is to demonstrate how the so called historical movies suffer influence of the society that produce them. The relationship of this article is to show how the movie industry represents and sees the Medieval Times nowadays, using the movie "Tristan and Isolde" for this analysis. A time in history that was characterized in a variety of ways. It was called during the Renaissance as "Dark Age" because of the idea that those centuries would have delayed the European society since didn't present any transformation like the ones that began to occur in the 15th century.

Key-words: History-Cinema - Medieval Times - Cultural History

---

\* Graduando em História pela Universidade Severino Sombra.

O objetivo deste texto é trabalhar, utilizando o filme “Tristão e Isolda” (REYNOLDS, 2006), a importância da imagem cinematográfica para a historiografia contemporânea mostrando como o chamado filme-histórico sofre influência da sociedade que o produz. A relação cinema-história é o meio para esse estudo. O campo aberto pela história cultural aumentou o leque do que pode ser utilizado como documento ou fonte histórica, incluindo o material iconográfico. A busca de novos diálogos abriu uma nova perspectiva para o historiador com a utilização e defesa sempre crescente de historiadores como Marc Ferro <sup>1</sup> ou Jorge NÓVOA <sup>2</sup> do cinema como documento indispensável à pesquisa da história cultural contemporânea.

O cinema apropria-se do poder da imagem conferindo-lhe significados distintos do real, de acordo com a vontade e capacidade do diretor. E é através deste poder de representação que os filmes conseguem sucesso junto ao público.

*O Cinema – e sua realização última que é o Filme – é sempre uma construção polifônica, para utilizar uma metáfora emprestada à Música. Nele cantam inevitavelmente todas as vozes sociais, não apenas as que invadem a cena através de seus discursos como também as que nela penetram através da imagem. Ainda que uma determinada produção fílmica seja montada para a expressão de um modo de vida que é o de alguma classe dominante, ou ainda que o filme seja empregado como parte de estratégias políticas específicas (...) haverá sempre algo que se impõe ou dá-se a perceber através da imagem e que pode revelar inesperadamente os demais modos de vida, ou algo que se há de impor como contra-discurso e entredito que se constrói à sombra dos diálogos que entretecem o discurso principal. (BARROS, 2007:21)*

Neste artigo, demonstraremos de que forma o cinema atual representa e pensa a Idade Média. Uma época que se tornou alvo de inúmeras idéias e visões, foi caracterizada pelos renascentistas, por exemplo, como “Idade das Trevas”, devido à visão de que tais séculos teriam “atrasado” a sociedade européia por não apresentar transformações comparadas as que ocorreram a partir do século XV. A reconstrução criada para aqueles séculos medievos no filme “Tristão e Isolda” narra a história de dois amantes que viveriam um relacionamento impossível de se concretizar

---

<sup>1</sup> Marc Ferro é historiador e professor aposentado da École des Hautes Études Sciences Sociales (Paris). Autor de diversos livros e filmes é considerado pioneiro nos estudos da relação cinema-história, no mundo.

<sup>2</sup> Jorge NÓVOA é historiador e professor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia. Fundou a Oficina Cinema-História. Produziu diversos artigos sobre a relação imagem-história, entre eles Apologia da Relação Cinema-História.

devido às imposituras sócio-políticas da época<sup>3</sup>. A lenda original que serviu de inspiração para essa versão “hollywoodiana” teria sido escrita pela primeira vez no século XI e com a mesma base utilizada no cinema: o triângulo amoroso e o chamado “amor cortês”:

*(...) um Amor tão extremado quanto ambíguo, trazendo no mesmo movimento uma indisfarçável carga de erotização e uma dimensão idealizada, ao mesmo tempo em que carrega a mistura dramática que faz com que este “amor sutil” tanto enobreça e eduque aquele que ama, como o empurre tragicamente em direção ao sofrimento e até à morte. Completam o conjunto de sentimentos que o Amor Cortês envolve o desejo – maior do que tudo no mundo, mas irrealizável sob pena de que se acabe o próprio amor – e o perigo de que este amor seja descoberto, e que isto acarrete no fim da relação amorosa ou abale a reputação da dama.*(BARROS, 2002:14)

Considero que a lenda teria sido utilizada como plano de fundo para uma história repleta de conceitos e modos de expressão bem característicos do nosso século.

O filme se passa durante a Idade Média, logo após a queda do Império Romano, época de crise territorial entre a Grã-Bretanha e a Irlanda. A “Inglaterra”<sup>4</sup> dividida sofre com os ataques e a dominação irlandesa. Quando o pequeno Tristão perde seus pais num ataque irlandês, é adotado por Marc, grande líder das Cornualhas<sup>5</sup>. Logo o jovem tornar-se-ia o maior guerreiro da região e o braço direito do rei Marc, incapacitado de lutar há muitos anos. Enquanto isso, na Irlanda, a jovem Isolda, filha do rei, é prometida ao seu maior campeão que, ao liderar mais um ataque à Grã-Bretanha, é morto por Tristão. O herói é ferido gravemente nesse combate e, dado como morto, é encontrado por Isolda nas praias irlandesas. Lá os dois se apaixonam e logo Tristão retorna ao seu país. Ao oferecer sua filha Isolda como símbolo da paz ao vencedor de um torneio, o rei da Irlanda pretende dissolver as alianças inglesas dando maior poder e prestígio ao campeão. Tristão então embarca para lutar em nome do rei Marc, único rei que desejava e poderia garantir a união inglesa com sua vitória, sem saber que Isolda seria a mulher por quem se apaixonara. Vencedor do torneio, Tristão dá início a um romance proibido com Isolda, onde a sua descoberta causaria o fim da paz pela qual seus pais morreram e ele teria lutado por toda a vida.

---

<sup>3</sup> No filme, o casamento entre Isolda e Marc significaria o fim das hostilidades irlandesas e uma possível unificação da ilha britânica. Por esses motivos o romance entre os jovens sofre com a política estabelecida que seu relacionamento poderia destruir.

<sup>4</sup> A ilha na época ainda era descentralizada, tornando meramente figurativo o termo “Inglaterra”.

<sup>5</sup> Região e península da Grã-Bretanha.

A cultura medieval não foi devidamente representada pelo filme e nossa intenção aqui é compreendê-lo como expressão da sociedade que o produziu com suas peculiaridades culturais, resgatando-as onde elas não deveriam estar.

O diretor Kevin Reynolds<sup>6</sup> traz às telas do cinema uma particular visão do mito dos dois amantes que morreram por amor. “Tristão e Isolda” é uma co-produção anglo-norte-americana e agrega muitas questões políticas e econômicas que estariam muito além do original conto de amor medieval. Questões atuais acerca do nacionalismo norte-americano e da emancipação política e cultural feminina impregnam o filme da mesma forma que valores medievais são substituídos por atuais.

Ao compararmos a visão cinematográfica da Idade Média representada em “Tristão e Isolda” com a da historiografia atual, encontraremos discórdias que há muito a História pretendeu eliminar. A produção do filme caracteriza a época com um tom de obscuridade que remete à concepção daqueles séculos como os da Idade das Trevas.

O olhar do diretor estadunidense sobre atuais questões políticas como a formação de blocos econômicos e o nacionalismo popular, impregnam a estruturação e o roteiro do filme. Quando vemos na película a disputa territorial travada entre irlandeses e ingleses, esses últimos subjugados justamente por sua fragmentação e conseqüente fragilidade política, compreendemos o valor que o nacionalismo ou até mesmo a união econômica em maior escala importam à sobrevivência política da América do Norte ou da Europa hoje em dia:

*(...) o amálgama de slogans e emoções que brotou sobre as ruínas das velhas instituições e ideologias, em grande parte do mesmo modo como o mato bravo colonizara as ruínas bombardeadas das... cidades européias depois das bombas da Segunda Guerra Mundial. Eram xenofobias e políticas de identidade.*  
(ROBSBAWN, 1995:545)

Não é exagero dizer que a figura de Tristão é a caracterização da maioria dos heróis norte-americanos que abdicam da vida em prol do seu país. Tristão é mais um herói clichê que atua como modelo à população que “deve” sentir-se responsável pelos rumos políticos do seu país. O herói abdica do direito de ter Isolda para si em favor da futura nação, ou de ao fim do filme, quando lhe é dado esse direito, ainda assim o nega para lutar pelo seu “país. O filme transmite a idéia de que a unidade territorial é necessária para um país tornar-se forte e independente, o que

---

<sup>6</sup> Diretor de cinema estadunidense, nascido em San Antonio em 1952.

pode corroborar mais uma vez o grande sentimento nacionalista que vem crescendo nos países ocidentais nas últimas décadas em razão das ameaças à integridade nacional vinda com a globalização.

Com tudo isso, devemos entender a importância de se utilizar o cinema como uma fonte histórica: sua representação pode nos esclarecer e corroborar comportamentos e atitudes culturais e nos trazer com isso novas fontes de discussão e perspectivas para a História enquanto ciência.

Bibliografia:

BARROS, José D' Assunção (org.), *Cinema-História*, Rio de Janeiro: LESC, 2007.

BARROS, José D' Assunção, *O Amor Cortês*, Rio de Janeiro: Celta, 2002.

BAZIN, André, *O Cinema: Ensaio*, São Paulo, Brasiliense.

BURKE, Peter, *O que é história cultural?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

CARRIÈRE, Jean-Claude, *A linguagem secreta do cinema*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DUBY, Georges, *Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FRANCO JR, Hilário, *A Idade Média, nascimento do Ocidente*, São Paulo: Brasiliense, 2006.

HOBBSBAWN, Eric J., *A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.